

EDUCAÇÃO (SEM¹) DISTÂNCIA PARA DEFICIENTES AUDITIVOS: *E_ENGLISH*

Camila de Souza e Sousa

* Camila Sousa
Mestranda em Linguística-UFU,
especialista em necessidades especiais;
professora de inglês.
<camilassousa@hotmail.com>

¹ Ou seja, tratar o assunto em termos de acessibilidade universal, inclusão digital, inclusão social, trabalho, esporte, lazer, arte, etc., considerando a tônica do ensino da Língua Inglesa como ferramenta mais do que necessária ao desenvolvimento do processo como um todo e que se transformou numa determinação.

RESUMO: Sabe-se que a Língua Inglesa e as “novas” tecnologias estão inseridas em nosso cotidiano e estas estão cada vez mais intensas em nossos afazeres, sejam eles: pesquisas, aquisição de conhecimentos, dentre outros. Portanto, espera-se que a grande maioria da população tenha acesso a esses conhecimentos e para isso defende-se a inclusão dessas ferramentas no currículo escolar.

Objetiva-se com este trabalho, que também se trata de um projeto de pesquisa, dar apoio/suporte para as Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (PNEEs) Portanto, enfoca-se neste artigo, pessoas com deficiência auditiva, no sentido de incluí-las no mercado de trabalho e na vida social/cotidiana dando-lhes suportes por meio do ensino-aprendizagem da língua inglesa enfocando as habilidades de leitura e escrita utilizando-se das “novas” tecnologias, como a internet, celulares e outras como meio/ferramenta facilitadores da aprendizagem.

A opção de trabalhar com as “novas” tecnologias surgiu em decorrência da importância social, política e educacional para tais alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Especial. Internet. Leitura Escrita. Ensino-aprendizagem. Língua Inglesa.

ABSTRACT: It is known that the English Language and the “new” technologies are inserted in our routine and these are more and more intense in our business, as we use them for:

researches, acquire knowledge, among others. Therefore, we aim at that the great majority of the population has access to those knowledge and for this reason we defend the enclosure of those tools in the school curriculum.

Our objective of this project, that is also a researcher work, is to give support for the disabled ones, focusing in this paper, the person with auditive disability, in the sense of included them in the labor market and in the social/routine life giving them supports by means of the education-learning of the English language focusing the abilities of reading and writing using the “new” technologies, as the internet, cell phones and other as means/tools as facilitators of the learning process.

The option to work with the “new” technologies arose in consequence of the educational, political, and social importance for such students.

KEYWORDS: Special Education. Internet. Reading and Writing in the Learning-Education of the English Language.

REFLEXÕES INICIAIS

Há uma notável inquietação na área de ensino-aprendizagem de línguas mediados por “novas” tecnologias na área da educação especial. Educadores questionam se será efetivamente possível viabilizar uma ferramenta para o ensino de uma Língua Estrangeira para portadores de necessidades especiais (surdos e/ou mudos), levando-se em consideração que a Libras é a real interface, enquanto Primeira Língua – L1 para o desenvolvimento de um modelo diferenciado de aprendizagem? Hipóteses preliminares serão investigadas durante o desenvolvimento dessa pesquisa, assim como, notadamente, outras mais abrangentes que precisarão de um estudo e/ou uma interlocução posterior;

talvez possamos dizer que estamos aqui para dividir interrogações mais do que trazer exclamações.

Desenvolver uma pesquisa que utiliza recursos tecnológicos aplicados ao ensino-aprendizagem de Língua Inglesa direcionado a pessoas portadoras de necessidades especiais emerge da detecção da ausência de tais recursos nas escolas. Objetiva-se com esta pesquisa atender a comunidade local de surdos e/ou mudos da cidade de Uberlândia - MG, especialmente quando se levam em conta os aspectos relacionados à universalização do conhecimento e à globalização.

A expressão sem distância, descrita no título se auto-explica ao recorrermos à etimologia da palavra “distância” que, de acordo com Ferreira (2000, p.1060), embora tal palavra esclareça a noção

de espaço, de longitude, ele também aponta o sentido de “separação, apartamento, afastamento”, que a presente pesquisa pretende discutir e aprofundar, sobretudo, a partir de uma abordagem efetivamente inclusiva, ao se buscar a utilização de novos recursos tecnológicos, no sentido de viabilização de propósitos que transcendem o mero discurso inclusivo.

A opção de trabalhar com novas tecnologias surgiu em decorrência da importância social, política e educacional para alunos surdos. Enfatizar um título que já antecipasse a intenção como um todo: “EDUCAÇÃO (SEM) DISTÂNCIA”. Ou seja, tratar o assunto em termos de acessibilidade universal, inclusão digital, inclusão social, trabalho, esporte, arte, etc., considerando a tônica do ensino da Língua Inglesa como ferramenta mais do que necessária ao desenvolvimento do processo como um todo e que se transformou numa determinação. Se for para “incluir”, então, que tenhamos a clareza de, enquanto educadores, desenvolver projetos na academia que não se limitem e/ou permaneçam meramente no campo discursivo ou fiquem engavetados, mas que seja uma inclusão efetiva e que possa ajudar educacionalmente as pessoas portadoras de necessidades especiais.

A presente pesquisa visa investigar o processo de aprendizagem dos alunos com necessidades especiais, mais especificamente os alunos surdos que estejam se preparando para o ingresso na universidade via inclusão digital e social, tendo como princípio elementar a ampliação da formação educacional. Enfocar-se-ão habilidades de leitura e escrita da Língua Inglesa, utilizando a Internet como ferramenta para aferição e concretização do trabalho.

O que afirmamos acima não se trata de assistencialismo, mas de promoção humana, e numa dimensão em que

a realidade virtual proporciona uma experiência corporal através da supressão mesma do corpo físico e da distância geográfica.

Estas noções, aparentemente contraditórias, de sensação e ausência de corpo, criam o conceito de telepresença, cunhado por Marvin Minsky em 1979, definido como a supressão, através de mediações tecnológicas, da distância e da fronteira física (LEMOS, 2002, p. 168).

Isto é, extrapola os limites de um processo onde simplesmente se debate e não se organizam as condições efetivas de transposição de limites,

por exemplo, se eu começo a me interessar por jardinagem, vou saber cada vez mais sobre os arbustos, as flores, sobre a maneira de plantá-los, de cuidar deles e de compor um jardim agradável para ser visitado em todas as estações. Esse universo dos jardins, que antes era para mim estrangeiro e que eu só percebia de uma maneira superficial e longínqua, aparecerá agora para mim com uma precisão e uma profundidade cada vez maiores. Esse universo começará a *viver* (LÉVY, 2001, p. 115).

Há uma lacuna evidente, tanto no ensino fundamental, médio e universitário, de especialistas e tecnologias direcionados ao ensino especial, ou seja, aos portadores de necessidades especiais. Um déficit explícito, em se tratando de Brasil, abrangendo desde a alfabetização, empregos e/ou inclusão social, que (em tese) antecedem o debate sobre o “aprimoramento” como poderia ser interpretado o aprendizado da Língua Inglesa.

Ocorre, todavia, que no mundo globalizado, caracterizar o aprendizado da Língua Inglesa como “aprimoramento de capacitação” ou “excepcionalidade” é um equívoco, uma vez que a língua de mais fácil acesso universalmente através da Internet, bem como em publicações de trabalhos científicos. Em outras palavras, é o veículo de comunicação com reais poderes de interferir nos destinos das personalidades e, como consequência, da nação. Em debates recentes na imprensa que trataram da

alfabetização de adultos, chegou-se a enfatizar a referida necessidade como ferramenta indispensável à leitura da bíblia. Ora, a questão da inclusão não pode circunscrever determinados universos que, aparentemente, já nascem criando “barreiras” em nome da suposição de eliminá-las, todas elas.

Desta forma, nesta pesquisa propõe-se estudar os estágios de desenvolvimento potencial de Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (PNEEs), no processo de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa, por meio das habilidades de leitura e escrita, utilizando-se da tecnologia disponível e recursos midiáticos, principalmente *online*. Sem distanciar do que Evans (1999, p. 69) considera como PNEEs, ou seja, “aquelas cujas escolas não podem educar efetivamente sem apoio adicional” (1999, p. 70). Investigando a observação do desenvolvimento potencial, no processo de interação entre esses alunos em ambientes de aprendizagem digitais/virtuais, mormente a comunicação através da escrita em *Chat* (síncrona) e *E-mail* (assíncrona).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira (PCNs), para os terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental,

O conhecimento de Língua Estrangeira é crucial para poder participar ativamente das discussões propostas e integrar-se ativamente na sociedade, e a informatização passará a ter um papel cada vez maior, principalmente no meio educacional (BRASIL, 1998, p. 87).

Para Paiva (2003, p. 53) em um artigo sobre a LDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professor de Língua Inglesa, “a primeira demonstração da pouca legitimidade do ensino de idiomas está registrada nos PCNs para o ensino fundamental”. Complementando, ainda, que o documento minimiza a importância do ensino das habilidades orais, afirmando que “somente uma pequena parcela da população tem a

oportunidade de usar línguas estrangeiras como instrumento de comunicação oral” (PAIVA, 2003, p. 53). Assim sendo, a autora relata que a aprendizagem de Língua Inglesa, como qualquer outro idioma, transcende a limitação da abordagem de duas habilidades: oral e auditiva. O que para Soares (1999, p. 1),

oralismo, ou método oral, é o processo pelo qual se pretende capacitar o surdo na compreensão e na produção de linguagem oral e que parte do princípio de que o indivíduo surdo, mesmo não possuindo o nível de audição para receber os sons da fala, pode se constituir em interlocutor por meio da linguagem oral.

Esclarecendo que na penúltima década do século passado, institucionalmente,

a orientação fornecida tornava o professor de surdos muito mais um *terapeuta da fala*, ou seja, seu trabalho estava muito mais voltado a uma atuação clínica. O que, por consequência, fez com que essas atividades se constituíssem na sua principal responsabilidade uma vez que subordinava o ensino das disciplinas escolares aos resultados satisfatórios da produção da linguagem oral (SOARES 1999, p. 1).

Referindo-se ao fato de que “essa inversão de prioridade, ou seja, secundarizar o ensino e priorizar as atividades clínicas, teria acarretado maior prejuízo aos alunos surdos das escolas públicas” (SOARES, 1999, p. 1).

A comprovação desse fato é a evidência da exigüidade de tempo e até mesmo de recursos nas escolas regulares em que as habilidades orais e auditivas no caso da língua inglesa ficam um pouco de lado, dando-se atenção às habilidades de leitura e escrita, utilizando-se do inglês instrumental, pois são as solicitadas nos vestibulares e exames seriados como, por exemplo, o Programa Alternativo de Ingresso ao Ensino Superior (PAIES) na cidade de Uberlândia. Sob essa ótica, focar-se-ão as duas

outras habilidades, tentando chegar à excelência que muitas vezes não conseguimos com alunos em escolas regulares devido ao tempo e ao enorme contingente dentro de sala de aulas.

Espera-se obter resultados com essa pesquisa sobre os estágios de desenvolvimento potenciais dos alunos surdos e/ou mudos, que subsidiem metodologias de trabalho e propiciem à essa população uma participação efetiva na inserção tecnológica e a modificação da visão educacional existente. E nesse sentido, para concretizar a pesquisa, partir-se-á do pressuposto de que os alunos terão uma oportunidade de crescimento enquanto cidadãos, podendo-se inserir na universidade e, subsequentemente, ampliar o acesso ao mercado de trabalho.

Os resultados positivos pretendidos em relação ao ensino de leitura e escrita em Língua Inglesa *online* para alunos com necessidades especiais, poderão transformar as perspectivas educacionais existentes e a utilização de tecnologias interativas associadas ao pressuposto (ao ensino do inglês) determinará maior velocidade na inserção no espaço restrito do mercado de trabalho para essas pessoas, na medida em que haverá, potencialmente, encurtamento de distâncias entre o aprendiz, pois leva-se em conta a rápida comunicação e a efetiva construção do futuro.

AUTONOMIA X INCLUSÃO

De acordo com o Dicionário Aurélio do Século XXI da Língua Portuguesa (1999, CD-ROM, versão 3.0) em suas várias acepções da palavra autonomia, lê-se: 1. faculdade de se governar por si mesmo; 2. liberdade ou independência moral ou intelectual, dentre outras. Nesta pesquisa, preza-se pela autonomia dos alunos com necessidades educacionais especiais, pois acredita-se que para que haja um ensino/aprendizagem efetivo faz-se necessário que os alunos busquem seu conhecimento e façam uso do mediador/professor para que esse ajude em seu processo e não estamos

nos referindo aqui, nesta pesquisa, à visão do professor como detentor de “todo” o conhecimento.

A autonomia é extremamente necessária para o contexto escolar em que se insere as “novas” tecnologias. Entretanto, o contexto de ensino/aprendizagem a Pessoas Portadoras de Necessidades Educacionais Especiais (PPNEEs) é um universo novo, isto é, em que tanto o aluno quanto o professor têm que se adequar a um ensino/aprendizagem diferenciado. Entende-se como um ambiente diferenciado aquele em que se faz necessário o auxílio de um intérprete da Língua de Sinais – LIBRAS para auxiliar o professor nas aulas.

De acordo com Silva (2005),

Crescem as desigualdades sociais, aprofunda-se a destruição do meio ambiente, uma espécie desaparece a cada 15 minutos. Os seres humanos já falaram 150 mil línguas, hoje falam somente 6.000, e 4.000 estão sumindo à razão de uma língua a cada 15 dias. [...] A universidade deve estender sua ação humanizadora a todos os espaços sociais – aos sindicatos, às associações, às academias, ao ensino básico, ao ensino médio, aos museus, às casas de cultura. [...] Além disso, à universidade caberá escrever um novo capítulo da história. O capítulo da criatividade, da reinvenção, da reconstrução. Ela sugerirá novos caminhos, indicará atalhos, iluminará as zonas de penumbra com a pesquisa, a discussão e a reflexão. Essa deve ser – e será certamente – a função social da universidade (SILVA, 2005, p. A3).

Entretanto, Rajagopalan (2003, p. 7) afirma que,

é preciso, convencer o leigo de que vale a pena investir no estudo da linguagem e de que pensar sobre a linguagem implica, em última análise, indagar, de um lado, sobre a própria *natureza humana* (grifo nosso) e do outro, sobre a questão da cidadania.

Ao que Soares (1999) acrescenta em seu ponto de vista ao se referir à educação, isto é, “a educação comum esteve sempre associada ao direito da liberdade e da igualdade, enquanto a dos surdos, à caridade que não é obtida através de luta, mas de apelo, pois é necessário ressaltar o infortúnio para adquirir a benevolência” e, em citação a Uhle (1992), esclarece que “autonomia e liberdade, elementos essenciais para a cidadania, não convivem com a filantropia e o assistencialismo” (SOARES, 1999, p. 10).

Whitney (*apud* Saussure, 1993:8a, p. 6; *apud* Mussallin, 2004) enfatiza, que

É, no fundo, fortuito que os homens tenham feito uso da laringe, dos lábios e da língua para falar. Eles descobriram que era mais conveniente: mas se tivessem usado sinais visuais ou manuais, a linguagem continuaria em essência exatamente a mesma; nada teria mudado.

Essa afirmação pelo fato de se perceber que poderemos nos comunicar por meio da Libras, a única mudança é a substituição das imagens acústicas por imagens visuais. Não é porque não se pode falar (fazer o uso da laringe para se comunicar) que não se pode fazer parte da sociedade ou estar inserido nesta.

Há muito tempo se pensava em “combater o desconhecido” dessa maneira as formas mais cruéis de exclusão ocorreram, sendo que algumas culturas matavam até mesmo crianças que apresentassem algum tipo de particularidade, pessoas com elefantíase, gigantismo ou anãs eram alvo de preconceitos na sociedade.

De acordo com o universo romano e o código das Doze Tábuas (primeira legislação escrita dos romanos) o pai tinha o poder de julgar, condenar, vender e até mesmo matar o filho se esse apresentasse alguma deformidade. Isso se reflete na fala de (AMARAL, 1995, p. 37) “Que o filho nascido monstruoso seja morto imediatamente”.

Atualmente, mesmo com as cidades modificadas para atender às necessidades das pessoas, como bancos exclusivos para obesos, acessibilidade a cadeiras de rodas e outras modificações urbanas, uma parcela da sociedade não acompanhou a evolução do mundo e continuou com a “mente fechada” para o crescimento/ desenvolvimento, pensando que só quem possui mecanismos como a fala, a audição e outros são capazes de desenvolver “bem” alguma tarefa.

Percebemos, então, que as pessoas que têm diferenças/ deficiências ainda enfrentam várias barreiras advindas do passado, da ignorância do desconhecimento e do descaso, pois pensava-se que tudo que destoava do padrão “normal” – conceituado pela vivência social – era considerado “monstruoso” e era imposta a idéia de que esses não deveriam viver, assim a sociedade tratava as diferenças com descaso e não se pensava na devida inclusão dessas pessoas e até hoje parece estar se arrastando esta idéia tão antiga/ milenar que não condiz com a realidade, pré-conceitos advindos da má informação.

Assim sendo, em se tratando de inclusão, espera-se que com essa proposta de investigação, possamos desenvolver atividades na rede mundial relacionadas à Língua Inglesa, ampliando as habilidades de leitura e escrita, preparando as pessoas com necessidades e especiais tanto para o acesso à universidade quanto na vida social enquanto agentes de transformação.

“NOVAS” TECNOLOGIAS X TECNOLOGIA ASSISTIVA

Entende-se por Tecnologia Assistiva (TA) todo o arsenal de recursos (de uma simples bengala a um complexo sistema computadorizado) e serviços (aqueles prestados profissionalmente visando selecionar, obter ou usar um instrumento de tecnologia assistiva, são entendidos como transdisciplinares envolvendo profissionais de diferentes áreas, tais como fisioterapia, educação, psicologia, bem como

profissionais de diversas outras áreas) que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e conseqüentemente promover vida independente, autonomia e inclusão. TA é também definida como “uma ampla gama de equipamentos, serviços, estratégias e práticas concebidas e aplicadas para minorar os problemas encontrados pelos indivíduos com deficiências” (COOK & HUSSEY, 1995).

O termo empregado por nós neste artigo sobre as “novas” tecnologias se dá devido ao fato de que todos nós sabemos que com a globalização, troca de informações rápidas com o advento da internet, banda larga, facilidade oferecida pelos provedores, dentre outros as informações estão cada vez mais acessíveis na rede mundial – *World Wide Web* (WWW) e mais rápidas, isto é, as pessoas conseguem ter acesso às mais diferentes pesquisas em andamento de todos que as disponibilizaram na internet e do mundo inteiro. Devido a isso, as tecnologias que são novas para as pessoas nascidas na década de 1950, por exemplo, não são mais tão “novas” para aquelas que já nasceram num universo em que essas já dominavam território.

Portanto, esta pesquisa articula e demonstra a questão da importância da palavra: novas estar entre aspas devido ao exposto anteriormente. Contudo, espera-se que as “novas” tecnologias façam parte do cotidiano de toda a população seja essa rica/pobre, branca/negra, com alguma particularidade/deficiência ou não, e para isso investigar-se-à se as pessoas com deficiência auditiva precisam de uma aprendizagem diferenciada na WWW.

PROPOSTA E OBJETIVOS

No intuito de trabalhar-se o tema da inserção de pessoas que demandam atenção especial, principalmente considerando-se a universidade como um espaço ativo de produção de conhecimento e discussão de práticas educacionais transformadoras, é fundamental que os docentes, alunos e

técnicos desta comunidade institucional se envolvam na implementação de projetos e desenvolvam meios para a efetivação de tal finalidade.

Assim sendo, a questão da inclusão digital de uma determinada parcela da população passar-se-á necessariamente por um acompanhamento passo a passo de cada unidade estudada, propondo-se assim quatro unidades e que cada uma delas seja realizada em no máximo uma semana, totalizando-se um mês de trabalho e observação para posteriores questionamentos. Propõe-se exercícios *online* de leitura e escrita em língua inglesa coletando os dados evidentes e promovendo investigação por meio de aplicação de questionários específicos, sempre levando-se em conta os recursos da informática para facilitação de análises.

Trabalhar-se-á juntamente com o cursinho já existente na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) que participa do projeto “Cursinho Alternativo para Surdos” – CAS que é assistido e coordenado pela Prof^ª Dr^ª Lazara Cristina da Silva, da Faculdade de Educação (FACED) da instituição supracitada, que desenvolve recursos para efetivar a inclusão desses alunos na universidade e garantir um futuro promissor para eles. E, juntamente a essa pesquisa, acrescentar-se-á um horário para os alunos aprenderem tanto a utilizar o computador quanto estudarem a Língua Inglesa voltada para a prova do vestibular através do meio digital e da rede mundial: a Internet.

E dessa forma, utilizando metodologia de ensino à distância, no qual o sujeito busca suas próprias informações (autonomia), com mais velocidade e de acordo com suas reais necessidades, vai surgindo assim, o formato ideal da escola moderna. Um ambiente em que o hipertexto difere da leitura convencional dos livros, indicando que o papel de professor e aluno também deve ser modificado, bem como a inclusão dos alunos com necessidades especiais faz-se necessária neste contexto. O que Prat e Palloff (2002, p. 102) explicitam como sendo,

No ambiente on-line, o papel do professor torna-se o de um facilitador. Assim, ele gentilmente conduz a estrutura construída de maneira mais livre, uma espécie de conjunto que permite aos alunos explorar não só o material do curso, mas também materiais a ele relacionados, sem restrições.

Ou seja, o professor no ambiente *online* adota a postura de um transformador do conhecimento e não mais o detentor deste, assim como os alunos passam a ter uma postura de aprendizagem colaborativa, de diretrizes negociadas mutuamente, trabalho em equipe e sabendo interagir, já que possuem objetivos comuns, formando-se os contornos de como seria uma representação mínima de aprendizagem à distância.

Assim sendo, as aulas se desenvolverão na presença da professora (facilitadora), acompanhada por um tradutor de libras que já acompanha esses alunos nas diversas aulas assistida por eles, utilizar-se-á um diário para anotação das ocorrências das aulas, progressão dos alunos e coleta de dados. Acrescentar-se-á um questionário/diagnóstico de interesse que será respondido pelos alunos antes do início do curso, visando aferir o nível de inglês que esses possuem, contudo, daremos enfoque ao objetivo de se estudar uma outra língua que não a do país de origem, dentre outros.

O curso prevê quatro unidades, sendo que os alunos terão a disponibilidade de uma semana para cada uma delas e à medida em que eles realizam as atividades, um questionário avaliativo será respondido por eles, para a identificação de falhas ou nível de dificuldade encontrada pelos mesmos. Portanto, um monitoramento constante será feito, em virtude das facilidades proporcionadas pelo contato *online*, para que se atinja a excelência no processo de ensino-aprendizagem. Considerando-se a importância destes dados para a pesquisa, pois as individualidades também devem ser contempladas e somente respeitando essas diferenças poderemos alcançar resultados

satisfatórios para a pesquisa e, auxiliada pelo professor orientador que acompanhará as atividades orientadas, desenvolver mecanismos de implementação com outros alunos, disseminando a proposta a que se refere a presente pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que com esta pesquisa possa se desmistificar a questão do ensino/aprendizagem, isto é, dizer que as pessoas com necessidades especiais não aprendem é um ledo engano, ainda mais, é uma afronta, pois é preciso saber que cada aluno tem seu tempo e maneira/modo de aprendizagem e o professor/facilitador precisa respeitar esse fato.

Pretendemos colher dados positivos no intuito de estender à pesquisa a diversas universidades para que as pessoas com deficiência auditiva se incluam na vida social, façam parte da vida acadêmica e tenham maiores chances no mercado de trabalho.

Ao se introduzir uma terceira língua aos surdos, isto é, a língua inglesa nas modalidades de leitura e escrita, já que esses têm a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como primeira e o português como segunda, propomos uma mudança radical no agir e no pensar social, visto que a Língua Inglesa atualmente é necessária para a inserção/inclusão na vida cotidiana, já que convivemos com ela desde embalagens de produtos consumidos no Brasil a nomes de filmes, empresas, dentre outros. Lembramos também que o objetivo dessa aprendizagem é para fins educacionais, isto é, para os exames do vestibular bem como os seriados.

Nota-se que ao nos referirmos à inclusão, logo lembramos de inclusão/exclusão, um binômio que nos remete à idéia de espaço, isto é, estar dentro ou fora, de um lado ou de outro. Mas estabelecer esses limites é um fator complicador, muitas vezes eles estão no pensamento/mente de muitos, na idéias que se tem de diferente/diferença, mas é preciso ter clareza do que é diferente,

aquele que destoa do padrão normal de comportamento de uma dada sociedade ou aquele que é comparado com o todo, com a “massa”.

Para Klein (1999, p. 10),

Quando se pensa em inclusão/exclusão em sociedades contemporâneas complexas como as nossas, as múltiplas inserções de cada indivíduo no corpo social fazem com que ele ou ela possam ser incluídos por algumas condições e excluídos por outras.

Portanto, concluímos que é muito mais que uma simples promoção social, é um direito exigir o que é justo de quaisquer que sejam: dos saberes (educação), da inserção social, dentre outros para todos e para tanto a autonomia, dignidade e especialmente a identidade do ser humano seja ele com especificidades ou não deve ser respeitadas e abolidas as tradições desumanizantes e as entidades detentoras do saber, principalmente os autoritarismos e arrogâncias.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Lígia Assumpção. *Conhecendo a Deficiência* (em companhia de Hércules). São Paulo: Robe Editorial, 1995. p. 25-69.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998. 120 p.
- COOK & HUSSEY. *Assistive Technologies: Principles and Practice*. Missouri, EUA: Mosby-Year Book, 1995. Disponível em: <www.cedionline.com.br/ta.html>. Acesso em: 11 Dez. 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda *et. al.* *Novo Aurélio Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 2128 p.
- _____. *Dicionário Aurélio Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. Produto da Lexikon Informática Ltda, CD-ROM, versão 3.0.
- KLEIN, Madalena. *A formação do surdo trabalhador: discursos sobre a surdez, a educação e o trabalho*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre: 1999.
- LEMONS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002. 328 p.
- LÉVY, Pierre. *A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência*. Tradução de Maria Lúcia Homem e Ronaldo Entler. São Paulo: Ed. 34, 2001. 192 p.
- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*, V. 3 – São Paulo: Cortez, 2004. 480 p.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. ALDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professor de língua inglesa. In: STEVENS, C.M.T; CUNHA, M. J. *Caminhos e Colheitas: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil*. Brasília: UnB, 2003. p. 53-84.
- PRATT, Keith; PALLOFF, Rena M. *Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço*. São Paulo: ARTMED, 2002. 248 p.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. 144 p.

SILVA, Edevaldo Alves de. A função social da universidade. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 3 mai. 2005. p. A3. Tendências / Debates. Caderno Opinião.

SOARES, Maria Aparecida Leite. *A educação do surdo no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados; Bragança Paulista, São Paulo: EDUSF, 1999. 126 p.